

# DEUS E PATRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — *Belinho* — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na *Typographia. Viziense* — *Rua Silva Gayo, 42 a 46* — VIZEU

## O EVANGELHO

**Domingo 26.º depois do Pentecostes**

Evangelho da Missa, segundo S. Matheus  
(XIII, 31-35).

N'aquelle tempo propoz Jesus ao povo esta parabolá, dizendo: O Reino dos Ceus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem toma e semeia no seu campo. Este grão é certamente a mais pequena de todas as sementes; mas depois de ter crescido, elle é a maior de todas as hortaliças, e torna-se uma arvore; de sorte que as aves do Ceu vêem pousar nos seus ramos.

Disse-lhes ainda est'outra parabolá: O Reino dos Ceus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e o esconde em tres medidas de farinha, até que toda a massa se levéde.

Todas estas coisas disse Jesus ao povo em parabolás, e não lhe falava senão em parabolás; a fim de se cumprir o que dissera o Propheeta: Abrirei em parabolás a minha bocca, e descobrirei o que estava escondido desde a creação do mundo.

### REFLEXÕES

Este Evangelho é uma sequencia do Evangelho da Missa do domingo passado, havendo assim entre elles a mais estreita relação. Aquelle, o Evangelho do outro domingo, tinha por objecto a parabolá do trigo e do joio; o Evangelho d'hoje tem por objecto a parabolá do grão de mostarda lançado á terra, e a do fermento escondido na farinha. Todas ellas, as tres parabolás, são imagens, figuras ou sombras significativas do Reino dos Ceus.

Jesus Christo, entrando na sua vida publica da prégação do Evangelho, começou ensinando por parabolás, n'esse estylo vulgar dos povos orientaes. Elle não vinha instruir as gentes nem como philosopho, nem como parlamentar, nem como tribuno da plebe: vinha como

evangelizador genuino das verdades eternas e da verdadeira felicidade dos povos.

O philosopho apresenta, expõe e defende, nas escolas e nas academias, as suas ideias, as suas theorias e systemas por meio de juizes e sylogismos, quantas vezes erroneos e capciosos para illudir e falsear a verdade; o parlamentar, o orador, encobre muitas vezes, na sua eloquencia e nos tropos da rhetorica, a inanidade dos seus pensamentos e a pobreza do assumpto; o tribuno da plebe, o declamador dos comicios, esse procura lisongear, com palavras retumbantes e desconexas, as paixões das massas ignaras, cuja boa fé elle muitas vezes explora. Por isso mesmo, observa S. Jeronymo, as palavras e discursos de todas essas escolas resultam, não em boas arvores de fructo, mas emervas e matto que facilmente seccam e o fogo devora.

Jesus, porém, que ensinava e pré-gava no Templo, nos caminhos, nos campos, nos mares e nos montes, usava as fórmas de linguagem mais simples, e adequadas ao povo que o escutava: emfim, Jesus ensinava o povo por meio de parabolás, «e não lhe falava sem parabolás». E assim tinha de ser, diz este Evangelho, para se cumprir aquella prophécia do Psalmista, referente a Christo venturo, dizendo: «Abrirei a minha bocca em parabolás» para falar, «e descobrirei o que estava escondido desde a creação do mundo».

Assim pois Jesus, em certo dia, querendo instruir os povos que o rodeavam acerca do progresso que faziam a sua palavra, a sua graça e a sua Igreja, propoz-lhes estas parabolás: «A que é semelhante o Reino de Deus, e a que deverei eu compara-lo?» E logo o proprio Jesus continuou dizendo: O Reino de Deus «é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou, e semeou na sua horta; e que cresceu e se faz uma grande arvore; de sorte que debaixo dos seus ramos se acolhem as aves do Ceu». Jesus continuou ainda dizendo para os que o escutavam: «A que compararei eu o Reino de Deus?» O Reino de Deus «é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu dentro de tres medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa».

N'estas sombras e figuras, que são as duas parabolás, estão, diz Calmet, escondidos os desígnios de Deus na instru-

ção dos povos, na formação e progresso da Igreja, e na santificação dos fieis.

Explica S. Jeronymo que o homem que semeia no seu campo, pode entender-se do Salvador que semeia a sua doutrina, a sua graça na alma dos crentes; e que pode entender-se tambem do proprio homem que semeia no seu proprio coração. No primeiro caso, a parabolá exprime a efficacia da doutrina evangelica, e como de uns humildes principios, figurados no pequenino grão da mostarda, chegou a Igreja ao estado da maior grandeza, dilatando-se maravilhosamente por todo o mundo. Tudo isso mostra que Jesus era uma pessoa divina e que divinos eram os mandamentos que elle ensinava aos povos.

Entendida a parabolá no segundo sentido, isto é, do homem que semeia no seu proprio coração, vê-se como por uns pequenos elementos ou bafejos da graça divina os homens podem crescer dia a dia no cabedal das suas virtudes e na perfeição dos costumes, quando recebem sem resistencia, antes com affeição e prazer, a graça sufficiente que Deus a todos os homens dispensa.

Fazei, pois, senhores, como o sementeiro do grão da mostarda, o mais pequeno grão de todas as sementes: semeae, insinuae mesmo, em pequeninas doses, no coração de vossos semelhantes, e abrigae nos vossos proprios corações a doutrina de Christo, e vereis crescer a arvore frondosa dos bemaventurados.

E vós, mães de familia, insinuae, escondei no coração de vossos filhos e filhas o fermento da fé, da esperanza e da caridade, que assim essas virtudes levedarão a massa que ha de constituir a familia tal como é preciso que ella seja para entrar no Reino dos Ceus.

### Historia edificante d'um menino leproso

Ainda ha pouco tempo, escrevem as *Missões catholicas*, vieram dizer-me que um joven leproso me esperava á porta e solicitava o favor de ser admitido. Fui ter com elle e achei-me em presença d'um pequeno leproso, dos seus 10 annos de idade, quasi nú, com um cajado na mão. Trazia ao pescoço um escapulario e um rosario. Os pés e as mãos ensanguentados, pois tinha feito uma jornada de dia e meio e dormindo ao relento.

Contou que não conhecera seu pai e que a sua mãe, protestante, o expulsara de casa, quando viu que estava atacado de lepra.

Tinha sido instruído e baptisado por um missionário catholico e não ousara ir mais á escola da missão.

Tinha vivido miseravelmente de algumas esmolas, repellido por toda a gente.

—Eu fazia, assim mesmo, a communhão da primeira sexta feira do mez, accrescentava elle, e de modo nenhum queria faltar.

Um dia dissera-lhe o Padre:

—Tu és leproso, meu pobre menino; se queres achar verdadeiras mães para cuidarem de ti, vai a Marave, e alli acharás Irmãs missionarias francezas que te receberão; mas é muito longe! E' preciso caminhar muito.

Logo se poz em marcha, perguntando e caminhando, até que finalmente chegou ao termo da viagem, morto de fadiga e de fome. Trazia com elle um pedaço.

Perguntei-lhe porque não tinha comprado um pedaço de pão com aquelle dinheiro para matar a fome. Elle respondeu-me:

—Oh! não, eu não queria gasta-lo; queria traze-lo á Santissima Virgem, a quem o tinha promettido.

A pobre creança encontrou na leprosaria de Marave o que elle procurava: corações para o amar e mães caridosas para o tratarem.

E não é tudo isto muito edificante?

## NAPOLEÃO III E OS JESUITAS

Tendo-lhe pedido alguns ministros a suspensão de Institutos religiosos, e em especial da Companhia de Jesus, levou-os o Imperador á Escola militar de Saint Cyr, e depois de passar revista aos alumnos, perguntou ao Director:

—Quaes são os alumnos mais distinctos?

—Os educados nos collegios de Jesuitas, disse o Director.

—E os de melhor porte?

—O mesmo, Senhor.

—Ouvistes? disse o Imperador aos ministros que o acompanhavam.

## O REGRESSO DO SOLDADO

### O maior combate

Xavier, que desde o principio da guerra seguira para França com os nossos primeiros contingentes, conseguiu voltar á patria são e salvo, sem uma beliscadura, nem uma doença, apesar de não ter pertencido ao numero dos... caxapins.

Mal correu na aldeia a noticia de que chegara da França o ausente de tantos mezes, a casa do mancebo foi invadida por uma multidão de curiosos, ávidos de ver o heroe, de o apalparem, para ver se ainda era de carne e osso, ou se o haviam mudado em ferro e aço,—de ouvirem sobretudo dos seus labios a narração tetrica dos combates em que entrara, das façanhas que praticara.

Xavier não tem mais remedio senão arrancar-se aos braços da mãe para atender os recém-vindos e expôr-se a uma fuzilaria de perguntas, não menos temerosa que a fuzilaria dos canhões alle-mães.

—Contadinho! dizia um, como está magro!

—Pudera! contestava outro. Pois elles muitas vezes não mettiam nada na bocca.

—O' Xavier, pergunta uma visinha do lado, então estiveste muitas vezes sem comer?

—Credo, tia Ritta, as coisas não foram tão feias como tudo isso, atalhou o soldado. M' verdade que ás vezes não havia tempo de tragar uma bucha, mas isso não durava mezes nem semanas; alguns dias chegavam para jejuns d'essa natureza.

—Olha lá! E entraste em muitos combates, meu rapaz? perguntou o mercieiro, muito conhecido pelas suas ideias radicaes.

—Em todos, em que entrou o meu batalhão. E vá lá que não foram poucos.

—Ainda bem que Deus te livrou, exclamou de novo a tia Ritta.

—Deixe lá isso, mulhersinha, voltea o mercieiro, com seu tregeito. O Xavier não é nenhum piégas. Vá lá, rapaz, conta-nos qual foi o maior combate em que entraste.

Xavier, com um sorriso esphingico, respondeu:—O maior combate?! Pois sim... eu conto já.

O maior combate foi em Neuve Eglise. Havia alguns dias que os *boches*, era assim que chamavamos aos allemães, atiravam sobre nós como excommungados. Nós tinhamos sido secundados da reductura para reforçar as linhas, porque se receiava que os allemães fossem atacar. Quando chegámos a Neuve Eglise, deparou-se-nos um espectáculo desolador. Imaginem que d'aquella terra nada restava. A metralha cahira alli tantas vezes, que arrazara tudo. Nem uma só casa ficara de pé, nem a propria igreja da terra. (Sorriso de mofa do mercieiro). Mas alguma coisa escapara—uma só. Uma grande cruz, com um Christo. Uma granada batera ainda na cruz, mas lá ficara cravada sem rebentar. Parámos a contemplar aquella maravilha, mas não foi isto ainda o que mais me maravilhou.

—Está bem de ver, resmungou o mercieiro.

—O que mais me maravilhou foi o seguinte, continuou imperturbavel o Xavier. Ia comnosco um pelotão de soldados irlandezes... catholicos.

Estes, a um signal do commandante, que não era uma ordem mas uma licença, foram todos ajoelhar em roda do crucifixo, e, com grande surpresa minha, tiraram da algibeira o seu terço e puzeram-se a rezar.

Foi então que se travou na minha alma o maior dos combates por que por lá passei.

Senti dentro de mim um grande remorso pelas impiedades que costumava proferir, conforme era de uso cá na terra. Reconheci que era um ignorante e um miseravel por ter offendido tanto o bom Deus, que morreu na Cruz para nos salvar, como me ensinava a minha santa

mãe. Admirei a fé d'aquelles estrangeiros, que, sendo tão valentes como nós não se envergonhavam de rezar em publico ao Senhor que nos criou e que tem em suas mãos as nossas vidas. E, desde então, fiz o proposito de nunca deixar passar um dia sem rezar o terço e de reconciliar-me com a Igreja, o que fiz na primeira occasião, confessando-me a um dos nossos capellães militares.

O mercieiro, corrido, procurava envergonhar-se pela porta, mas ainda ouviu o Xavier concluir assim:

—E para prova, aqui está o terço, que sempre me acompanha, e quem disser mal da religião e dos padres, na minha presença, commigo se ha de haver.

*O cabo de um regimento aquartelado em Paris, a um soldado que estava pouco limpo:*

—Que fazes ao levantar da cama?

—O signal da Cruz.

Grande risada em todo o regimento. Mas um tenente, acercando-se do infeliz, segreda-lhe ao ouvido:

—Não faças caso. Disseste muito bem. Eu tambem faço o signal da Cruz. E muitos dos que se riram fazem-no tambem, mas não têm coragem de o dizer em publico.

## NOVO EXERCITO DO LEPANTO

Não ha muito, o Superior geral de uma grande Ordem dizia que o exercito francez actual era um dos mais eucharisticos, cuja memoria a historia conservou.

Pode-se dizer tambem que poucos exercitos têm praticado a devoção do Rosario, tanto como elle a pratica actualmente.

O Rosario, a arma sobrenatural que venceu o Islamismo em Lepanto, é um dos mais poderosos sustentaculos das nossas tropas. Constitue invisivel penhor da victoria sobre os inimigos exteriores e do exito mais decisivo ainda sobre o inimigo das almas. Ao contemplarem-se alguns dos nossos batalhões, crer-se-ia ver um novo exercito de Lepanto combatendo sob nossos estandartes.

E' por dezenas de milhares que se contam os terços distribuidos na immensa frente de batalha, pelos quartéis e acampamentos. E quantos jovens mobilizados, ao reunir-se aos seus destacamentos já possuíam esse objecto de piedade! Varias vezes, mesmo no fundo das trincheiras, onde o apostolado do abastecimento espirital dos nossos soldados não havia penetrado, encontraram-se bravos e engenhosos *poilus* que, não tendo terço e desejosos de rezar, tinham fabricado rosarios com simples barbantes: nós marcavam as *Ave Marias* e pedacinhos de pau os *Padre Nossos*. D'estes terços ha que foram indugienciados sob o fogo da metralha, e que no lar domestico hão de ser conservados como reliquias.

Mas o terço, entre os nossos soldados, não permanece só no estado de oração individual. Entre estes feis, uma porção selecta formou uma Associação, que acrescenta um novo caracter a todas as manifestações do resurgimento christão. Quer fallar do *Rosario vivo*.

Esta Associação, de iniciativa franceza, é antiquíssima; tem perto de um século de existência. Mas, sob a sua forma militar, que é muito recente, começava a espalhar-se no começo da guerra.

Nada, com effeito, mais proprio que esta instituição, para unir e sustentar os soldados que querem viver christãmente. Não só os leva a recitarem cada dia uma dezena do terço; mas dispõe-nos em quinzenas, com um zelador que os acompanha e que, por sua vez, communicá ao zelador os resultados do seu apostolado. Além, a propria Associação fornece um motivo de reuniões especiaes, que conservam e reanimam o zelo.

Em Maio de 1909, o Rosario Vivo dos soldados, regularmente estabelecido, recebeu de S. S. Pio X uma benção fecunda. Esta benção produzia logo seus fructos quando o clarim sou a mobilisação geral, havia poucos destacamentos que não contassem um pequeno nucleo de soldados unidos pela cadeia mystica do Rosario. Ao todo, eram mais de treze mil.

Subitamente a guerra deu a esta instituição de piedade um desenvolvimento inesperado. Hoje, com effeito, são 82.035 combatentes que além de rezar o rosario, quizeram alistar-se n'este novo exercito de Lepanto, graças a elles: 20.350 Ave Marias sobem quotidianamente das nossas trincheiras para o céu.

«Uma dezena do terço no quartel—fazia uma filha de S. Thereza ao ter conhecimento da oração da obra—é mais que o Rosario de uma Carmelita.» E que será então das dezenas e dezenas que se pulam da lama das nossas trincheiras?

O que torna, porém, mais symptomatico o testemunho dado por esta nova Associação, ao espirito do nosso exercito, é de os progressos realizados, de ha tres annos a esta parte, são devidos principalmente—os directores o attestam—à iniciativa e à propaganda dos proprios soldados. São os soldados, o mais das vezes, que excitam e arrastam seus capellães, tolhidos pelo recio de exigir de mais dos seus homens. Entre outros, eis o que estes sacerdotes, reconhecendo que em todas as tardes lhe é possível reunir os soldados na egrejinha do logar, para rezar com elles, fallar-lhes, abençoá los, deve á insistencia dos Cruzados do Rosario.

Cada quinzena torna-se, na verdade, ao mesmo tempo forte armadura para os membros e foco de apostolado para os outros camaradas.

A pouco e pouco vae atrahindo novas recrutas; exerce tambem influencia benefica sobre os soldados que se conservam alheios. Mantém a piedade nos fieis; ás vezes converte indifferentes. Os factos são numerosos. Aqui os adherentes do Rosario, agrupando-se para cumprir o dever paschal, levam consigo outros commungantes e a todos os o exemplo de tocante manifestação religiosa. Mais além, sob a influencia dos sermos, vém-se as communhões somadas subirem de vinte a setenta.

Meninos perdidos dos arrabaldes, que não tinham feito ainda a primeira communhão, são levados á Sagrada Meza pelos rosaristas; até um, creado como selvagem, foi catechizado e depois baptisado pelos cuidados d'elles.

Estes «filhos de Maria», de capacete

e botas, são incansaveis artifices de multipas obras: iniciativas de piedade, como a missa pelos mortos ou a Guarda de honra; associações de caridade, quer para os soldados das regiões invadidas, quer para os prisioneiros de guerra; instituições de estudo ou de recreio, como jogos, circulos, bibliothecas, etc.

Accrescentarei sómente tres observações.

A primeira é que, se os soldados unidos pela caridade exercem uma influencia sobre seus camaradas, é porque a piedade que os anima redobra de valor; todos os mezes o *Correio do Rosario* regista, entre os filiados á obra, eloquente proporção de cruzeiros de guerra, de medalhas militares e de legiões de honra.

A segunda é que, do exercito francez a associação se tem propagado pelas tropas belgas e italianas, onde conta já mais de 30.000 adherentes; é que das trincheiras tem passado á frota,—e conheço nomeadamente tres torpedeiros que seguindo a mesma derrota se juntam para formar os tres terços de uma quinzena,—é que, das provincias de França, espalhou-se até por aquellas regiões orientaes onde já o Rosario supplantára o Crescente...

Emfim, a terceira observação é que o Rosario dos soldados se estende hoje até nas familias, nas parochias, nos patronados, nos collegios, nas escolas. A centelha das Ave accendeu n'estas jovens almas um fogo de apostolado que não conhece mais limites e quer dilatar-se por entre os parentes, os amigos e os agrupamentos da rectaguarda. Bella e fecunda iniciativa! Ella attinge os corações que, impellidos pela alegria de se unir aos combatentes amados, mais facilmente se unirão as suas esperanças e a sua fé.

D'este modo, os nossos salvadores de hoje começam a desempenhar seu papel de regeneradores de amanhã.

F. Veuillot.

## O ovo

Foram os sabies catholicos Spallanzani e Pasteur que prevaram até á evidencia que todo o animal nasce de outro semelhante por meio de um ovo.

D'esta verdade, de que hoje nenhum sabio, digno de nome, pode duvidar, se deduz immediatamente a existencia de um Ser Supremo que com seu poder creador deu origem ao primeiro ou primeiros animaes, ou então ao primeiro ou primeiros ovos, d'onde se originaram as diferentes especies zoologicas.

Mas se assim é, porque razão se encontram individuos que negam a existencia de Deus?

Porque não lhes convem admittilla, teimando loucamente que todas as coisas são obras da natureza, quando de facto natureza sem um Deus Creador é enigma indecifrável.

Pae e filho:

—Que queres ser quando fores grande?

—Quero fazer calendarjos.

—Para quê?

—Para metter em cada semana tres domingos.

## Notas ligeiras

Os jornaes de Lisboa, como de resto os jornaes de todas as grandes cidades, são por assim dizer uma janella aberta sobre a vida.

Chamam á capital «cidade de mármore e de granito», talvez em homenagem á riqueza dos seus monumentos e á sua opulencia propria d'um centro cosmopolita, como geralmente são as capitais dos paizes que se dizem civilizados.

Mas debaixo d'aquella bella apparencia, alberga-se muita podridão e muita miseria, mais moral do que material.

Alli ha creaturas sem consciencia ou de consciencia avariada; cuja alma é mais repellente que a propria imundicie.

Não recciam traficar com a saude e a propria vida das outras creaturas, precisamente porque contam com a impunidade não só n'este mundo, mas ainda—o que é mais grave—na eternidade, em que decerto não creem.

Assim, por exemplo, ao pegarmos ha dias por dever de officio, em diferentes diários de Lisboa, por mais d'uma vez nos cahia sob os olhos esta mesma noticia:

«No Governo Civil continua preso o industrial de padarias e moagens sr. Antonio Castanheira de Moura, em consequencia de fabricar na sua fabrica farinha impropria para o consumo, que depois fornecia a varias padarias.

Ante-hontem de manhã os agentes das subsistencias foram apprehender uma porção de farinha fornecida pelo mesmo á padaria da rua da Senhora da Gloria, á Graça, por estar impropria para o consumo, sendo trancada e selada tambem, até se fazer a analyse á farinha.»

Outro exemplo do que deixamos dito é a seguinte nota, decerto fornecida pela policia aos mesmos jornaes:

«A policia de investigação fez hontem de madrugada, por varios pontos da cidade, uma rusga a individuos suspeitos e de cadastro, sendo presos muitos, que vão ser internados nos fortes até lhes ser dado destino.»

Depois temos a chronica infalivel dos suicidios, dos assassinatos, dos roubos...

E tudo isto porque? A que deve attribuir-se esta corrupção da sociedade, sendo á falta do temor de Deus, ou antes, á falta da crença n'um Deus omnipotente e omnisciente, um Deus de bondade e de justiça, que ha-de punir os maus e premiar os bons?

De sorte que o melhor remedio contra tantos males está principalmente na religião, que todo o christão que se preza d'esse nome deve propagar e defender, sempre e em toda a parte onde a sua falta se fizer sentir.

Ainda não serenou a agitação produzida em todo o paiz pela ultima tentativa revolucionaria dos democraticos.

A despeito da pacificação da familia republicana, que alguns vultos do regimen tanto preconizam, continuam as prevenções dos quartéis e o estado de sitio em varias terras do paiz.

Nem as noticias da paz externa suscitirão no espirito dos politicos turbulentos a ideia da paz interna, tão necessaria á boa administração do paiz?...

**O PROTESTANTISMO EM DECADENCIA**

Esta seita vae-se esphacelando de dia para dia. E porquê?

Por tres razões. A primeira porque os seus ministros applicam em toda a sua amplitude a doutrina fundamental de Lutero, segundo a qual cada um pode interpretar a Biblia como entender, resultando por isso mesmo cada vez maiores scisões entre elles.

A segunda porque, estendendo esse principio fundamental até á mesma regra de fé apresentada por Lutero, muitos dos seus ministros vão cabir no Racionalismo, negando a inspiração dos livros sagrados, que Lutero queria resalvar a todo o custo, e até a propria divindade de Jesus Christo.

A terceira porque muitos protestantes, não achando na sua seita a realisação de seus ideaes religiosos, ou se voltam para Roma ou, ao menos, admittem práticas catholicas que antigamente condemnavam como supersticiosas e idolátricas, taes como a Missa e o culto dos Santos.

Os seguintes trechos de uma carta de um ministro protestante convertido ao Catholicismo, que até certo ponto exprime a crise por que está pasando a seita de Lutero, merecem ser archivados:

«Eu abaixo assignado declaro por esta carta resignar o meu cargo na igreja da Suecia. E' minha intima convicção que o Christianismo original só se mostra no Catholicismo, não sendo possível que esta convicção possa jamais ser alterada por estudos ultteriores ou pela madureza da idade.»

Depois descreve o estado lastimoso do protestantismo na Suecia e a divisão que reina entre seus ministros; e em seguida accrescenta:

«Quanto á propria Reforma, considero-a como uma empreza completamente abortada, porque os espiritos que a apadrinharam tinham curtas vistas e vontade pervertida. Especialmente a leitura dos escriptos privados de Lutero revelou-me n'elle uma colera sem limites e um orgulho desmedido, que o tornavam, não o podemos duvidar, um grande peccador aos olhos de Deus. Tambem elle me inspira um desgosto profundo por causa de seu cynismo continuo e das suas frequentes allucinações, que prova, soffrer este leão rugidor de tempos a tempos uma olestia mental. Sua obra de reformador não teria resultado algum, se os interesses politicos se não houvessem nelle misturado com os interesses religiosos e até sobrepujado a estes.»

Em seguida, depois de responder a alguns reparos a que podia dar logar a sua conversão, acaba assim:

«Na minha qualidade de ministro, reconheci junto ao leito dos moribundos a impotencia da religião protestante para dirigir e consolar n'esse instante em que as luzes e a coragem se tornam mais necessarias. Como não me aproveitarei eu pois de semelhantes lições? Sim, mostrar-me-hei fiel aos deveres que me impõe a consciencia, e caminharei deante de Deus na inteireza da vida que sempre se deve observar, ainda mesmo quando traga comsigo sacrificios temporaes.

A. J. Hellqvist.»

Para que se veja a convicção com que procedia, devemos acrescentar que, perdendo o sr. Hellqvist, pela sua conversão ao Catholicismo, o rendoso cargo que antes exercia, se viu obrigado a aprender um officio para não morrer de fome.

E como se consolava no meio de seus trabalhos e privações? Como elle mesmo

escrevia a um amigo: «Ao menos nas minhas horas de descanso, posso encostarme ao travesseiro de uma boa consciencia.»

N'esta epocha de condescendencias criminosas, serão muitos os que ao dormir se encostam a esse travesseiro?

Propagae

o nosso jornalzinho

**Supplica a S. José**

CORO

Esposo da Virgem Pura,  
Castissimo S. José,  
Attendei aos nossos rogos,  
Cheios d'amor e de fé.

\*

S. José, celestes encanto  
Dos devotos corações,  
Acolhei o nosso canto,  
Ouvi nossas orações.

Vós que sois da Christandade  
Protector Universal,  
Volvei olhos de piedade  
A' terra de Portugal.

Males d'esta pobre terra,  
Ai! não os vereis sem dôr:  
Cruéis horrores da guerra!  
Da fome cruel horror!

Heis de ver com mágua immensa  
Da fé o lindo vergel,  
Hoje da impia descrença  
Tisnado ao vento cruel.

De Deus o justo castigo  
Pelas nossas culpas é.  
Vós de Jesus tão amigo  
Valei-nos, ó S. José!

Em vossos braços outr'ora  
Jesus Menino brincou,  
Sempre humilde, a toda a hora,  
Vossa vontade guardou.

Lá no ceu, Deus Humanado,  
Como outr'ora em Nazareth,  
Ha-de cumprir com agrado  
Os rogos de S. José.

Pedi-lhe, ó Santo divino,  
Nos livre de todo o mal  
E encaminhe a bom destino  
Os filhos de Portugal.

E a vossa Esposa querida,  
A terna Mãe de Jesus,  
Por vós tambem commovida,  
Fará leve a nossa cruz.

Que um novo dia amanheça,  
Dia de paz e de amor,  
E em Portugal reffloresça  
Da crença a mimosa flôr.

Heitor Minho.



**Laus púero**

Creanças educadas por mães realmente christãs possuem, por vezes, um tal espirito de fé que só a operação da graça em uma alma innocente pode explicar.

Carlos tinha seis annos. Sua mãe, verdadeira mãe christã, ensinava-lhe todos os dias alguma cousa do catecismo, quando ia á missa levava-o sempre comsigo, tendo tido antes o cuidado de explicarlhe do melhor modo possível o mysterio da transubstanciação. Certa tarde, indo ella visitar o convento de religiosas amigas suas, levou Carlos comsigo. Encostou a superiora preparando as hostias para as missas do dia seguinte. E, enquanto se entretinha com a madre, Carlos pegou n'uma hostia e imprimiu-lhe um respeitoso beijo. Foi notado.

—Jesus não está ainda ahí, diz-lhe a religiosa.

—Sei, sim, responde o innocente menino. Jesus não está ainda aqui, mas amanhã durante a missa elle aqui virá; por isso quero que quando vier encontre meu beijo.

**A GUERRA**

Este artiguinho deveria antes intitular-se—A paz—visto que esta é finalmente uma realidade e não um sonho, como é para estranhar que fosse, tão habitudo estavamos a sentir, pelo menos indirectamente, os horrores d'esta sangrenta guerra de mais de quatro annos.

Conforme o que, fazendo-nos echoar a imprensa estrangeira, dissemos no ultimo numero do nosso jornal, os allemães viram-se obrigados a aceitar a paz imposta pelos alliados.

Vendo-se completamente isolados, veram de ceder perante as imposições de Wilson, abatendo o seu estulto orgullo.

Uma delegação allemã foi encarregada de concluir o armisticio e entabolar as negociações da paz, avistando-se para esse effeito com Foch, o generalissimo exercito francez, encarregado pelos allemães de formular as condições do armisticio.

Entretanto, vão tendo começo na Alemanha as agitações internas, já previstas por alguns jornaes de grande colicção.

A Germania encontra-se em plena revolução.

Confirma-se a abdicación do Kaiser que fugiu, refugiando-se na Holanda. O principe Max assumiu a regência do imperio.

**Calendario religioso da semana**

Novembro

**Domingo, 17**—S. Gregorio, thaurgo, Bispo.

**Segunda-feira, 18**—S. Romão, martyr.

(Lua cheia ás 7 horas e 33 m. da manhã.)

**Terça-feira, 19**—Santa Izabel Hungria, viuva.

**Quarta-feira, 20**—S. Felix, confessor.

**Quinta-feira, 21**—Apresentação de Nossa Senhora.

**Sexta-feira, 22**—Santa Cecilia, virgem e martyr.

**Sabbado, 23**—S. Clemente, Papamartyr.